

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.002

Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

SAUL: DA ASCENSÃO À QUEDA

Saul: from rise to fall

Jocinei Passos Pinheiro¹

RESUMO

O presente artigo analisa a trajetória de Saul, primeiro rei de Israel, desde sua ascensão ao trono até sua queda espiritual, política e pessoal, conforme narrado principalmente em 1 Samuel 8–31. A pesquisa insere-se no contexto da transição do período dos juízes para a monarquia, destacando as tensões entre a soberania divina e as expectativas humanas por uma liderança centralizada, à semelhança das nações do antigo Oriente Próximo. Examina-se o processo de instauração da monarquia israelita, o pedido do povo por um rei, as advertências proféticas transmitidas por Samuel e a escolha divina de Saul como ungido do Senhor, dotado de capacitação espiritual e legitimado por sinais, vitórias militares e reconhecimento nacional. O estudo demonstra que o início do reinado de Saul foi promissor, marcado por conquistas militares, unidade tribal e confirmação divina. Contudo, ao longo de seu governo, sucessivos atos de desobediência revelaram falhas profundas em seu caráter, como orgulho, impaciência, autonomia em relação à palavra profética e incapacidade de submeter-se integralmente à vontade de Deus. Episódios decisivos, como a oferta indevida de sacrifícios (1Sm 13) e a desobediência na campanha contra os amalequitas (1Sm 15), evidenciam a ruptura entre Saul e o Senhor, culminando em sua rejeição como rei e na perda da sucessão dinástica. O artigo também analisa as consequências espirituais dessa rejeição, incluindo a retirada do Espírito do Senhor, o surgimento de perturbações emocionais e espirituais, a perseguição obsessiva a Davi e o recurso a práticas proibidas, como a necromancia. O declínio de Saul é apresentado como resultado de um afastamento progressivo da dependência divina, conduzindo-o a um fim trágico marcado pela derrota militar e pelo

¹ O autor possui formação na área técnica em manutenção e suporte em informática pela instituição Senai – Campus São Miguel do Oeste. Bacharelado em Teologia Pastoral pela Faculdade Batista Pioneira (FBP). Seminarista na Primeira Igreja Batista em Santo Ângelo / RS. E-mail: jocinei@batistapioneira.edu.br.

suicídio. Conclui-se que a narrativa de Saul oferece uma reflexão teológica fundamental sobre liderança, obediência e responsabilidade diante de Deus, demonstrando que a capacitação divina não substitui a fidelidade contínua à palavra do Senhor.

Palavras-chave: Rei. Saul. Samuel. Senhor. Deus. Israel. Nação. Profeta. Desobediência.

ABSTRACT

This article analyzes the path of Saul, the first king of Israel, from his rise to the throne to his spiritual, political, and personal downfall, as narrated primarily in 1 Samuel 8–31. The study is situated within the context of the transition from the period of the judges to the monarchy, highlighting the tensions between divine sovereignty and human expectations for a centralized leadership modeled after the nations of the ancient Near East. It examines the process of establishing the Israelite monarchy, the people's request for a king, the prophetic warnings conveyed by Samuel, and the divine choice of Saul as the Lord's anointed, endowed with spiritual empowerment and legitimized through signs, military victories, and national recognition. The study demonstrates that the beginning of Saul's reign was promising, marked by military achievements, tribal unity, and divine confirmation. However, throughout his rule, successive acts of disobedience revealed deep flaws in his character, including pride, impatience, autonomy from prophetic authority, and an inability to fully submit to the will of God. Decisive episodes—such as the unlawful offering of sacrifices (1 Sam 13) and the disobedience during the campaign against the Amalekites (1 Sam 15), expose the rupture between Saul and the Lord, culminating in his rejection as king and the loss of dynastic succession. The article further examines the spiritual consequences of this rejection, including the withdrawal of the Spirit of the Lord, the emergence of emotional and spiritual disturbances, Saul's obsessive persecution of David, and his recourse to prohibited practices such as necromancy. Saul's decline is presented as the result of a progressive departure from dependence on God, ultimately leading to a tragic end marked by military defeat and suicide. The study concludes that the narrative of Saul offers a fundamental theological reflection on leadership, obedience, and responsibility before God, demonstrating that divine empowerment does not replace continuous faithfulness to the word and will of the Lord.

Keywords: King. Saul. Samuel. Lord. God. Israel. Nation. Prophet. Disobedience.

INTRODUÇÃO

O presente texto analisará um momento de transição fundamental na história de Israel, narrado principalmente nos livros de Samuel: a passagem de uma liderança teocrática descentralizada, exercida por juízes e profetas sob a soberania direta de Deus, para a instituição da monarquia. Esta análise relata as circunstâncias que levaram o povo de Israel a clamar por um rei, as advertências divinas comunicadas pelo profeta Samuel e o subsequente processo de escolha e unção de Saul como o primeiro monarca da nação. Após o período dos juízes, em que cada tribo mantinha considerável autonomia e a liderança unificada era esporádica, Israel sentiu a necessidade de um governo centralizado, similar ao das nações vizinhas do Antigo Oriente Próximo. A figura do rei, na cultura da época, representava não apenas um líder militar e político capaz de unificar as tribos e prover segurança, mas também um intermediário com o divino, responsável pela ordem e justiça social. Contudo, a demanda israelita por um rei, embora ecoasse uma promessa divina pregressa sobre a descendência de

Abraão, foi percebida por Samuel como uma rejeição da soberania direta de Deus, que até então era o verdadeiro Rei de Israel, cuja glória e lei eram a força e sabedoria da nação.

Apesar de a motivação popular ser vista como uma falha espiritual, buscando em uma estrutura política a solução para problemas de fé e obediência, Deus atende ao pedido, instruindo Samuel a ungir Saul, da tribo de Benjamim. A narrativa subsequente explora a unção de Saul, os sinais divinos que confirmaram sua escolha, sua apresentação à nação e os primeiros sucessos de seu reinado, como a vitória sobre os Amonitas, que consolidou sua posição. São abordados, portanto, os aspectos culturais, teológicos e políticos da instauração da monarquia em Israel, desde o anseio popular até a consolidação inicial do reinado de Saul, um “ungido do Senhor” cujo governo, embora divinamente permitido, nasceu sob a tensão entre a vontade humana e os desígnios soberanos de Deus.

1. UM REI PARA ISRAEL (1 SM 8-12)

Ao longo da história, Deus instituiu lideranças para o povo de Israel. As Escrituras revelam que Moisés exerceu essa função, tendo Josué como seu sucessor. No entanto, após a morte de Josué, Deus não repassou instruções para a escolha de um novo líder. No que se refere ao sacerdócio, as sucessões ocorriam de forma automática, e, quando necessário, Deus enviava profetas para anunciar sua mensagem ao povo. Ainda assim, a presença de um líder era indispensável, pois ele tinha o compromisso de conduzir o povo ao cumprimento e obediência da lei. Em determinados períodos, Deus levantou juízes em diferentes tribos de Israel, que atuavam temporariamente. Contudo, eles não exerciam autoridade sobre toda a nação, que até aquele momento era formada por um grupo de tribos, cada uma com poder sobre seu próprio território.²

Na cultura dos povos que viviam no antigo Oriente Próximo, o rei era considerado uma figura de grande importância, reconhecido como alguém eleito pelos deuses. O rei se tornava um representante da divindade, governando sobre o povo e a terra, com o compromisso de garantir a ordem e a justiça social. Além disso, ele exercia atividades sacerdotais e, como líder militar, proporcionava segurança e liberdade ao seu povo. Os líderes das tribos de Israel chegaram à conclusão de que seria necessário nomear um chefe de governo, idealizando que, ao elegerem um rei, seus problemas seriam solucionados. Esse rei seria responsável pela unificação e liderança de todas as tribos de Israel. Na visão dos líderes tribais, o modelo político vigente colocava Israel em desvantagem militar em relação aos exércitos das nações vizinhas. Entretanto, Samuel os advertiu, alertando que o problema enfrentado não era político, mas espiritual.³

O povo de Israel era diferente das nações vizinhas, pois tinha uma aliança com Deus. Ele era o verdadeiro rei da nação, sua glória se fazia presente entre o povo, e sua lei era a fonte de sabedoria (Êx 19.3-6). Os líderes não perceberam que a força necessária para conquistar a

² WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Antigo Testamento: volume 2 - Histórico. Santo André: Geográfica, 2006, p. 219.

³ WATSON, John H. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 378-379.

vitória nas batalhas não dependia do poder militar, mas da capacitação dada por Deus. A eleição de um rei fazia parte dos planos divinos, pois, no passado, Deus havia prometido que haveria reis na descendência de Abraão, Isaque e Jacó (Gn 17.6; 35.11). No entanto, o erro estava no processo: na reivindicação precipitada, na pressão e na insistência do povo. Deus atendeu ao pedido, mas orientou Samuel a explicar as condições, esclarecendo que essa decisão teria um preço.⁴

1.1 O ungido do Senhor

O Senhor conversou com Samuel e repassou algumas orientações para que ele esperasse a chegada de um homem da tribo de Benjamim. Em seguida, deveria ungi-lo como príncipe (*Nagîd*) de Israel. O cerimonial representaria o recebimento divino das dádivas que auxiliariam o ungido no cumprimento das tarefas que lhe seriam designadas. Ao encontrar o benjamita chamado Saul, Deus confirmou a Samuel que ele seria o escolhido para governar a nação, e seu governo estaria sob a soberania do Senhor. A unção recebida tornaria Saul um príncipe, alguém capacitado por Deus e responsável por julgar e livrar o povo de Israel dos seus inimigos. O povo era considerado a herança do Senhor.⁵

Saul foi ungido por Samuel como o primeiro rei de Israel, assumindo, a partir desse momento, um papel de liderança sobre o povo de Deus. Como sinal da confirmação divina na escolha de Saul, Samuel repassou três sinais ao novo rei, reforçando acontecimentos que se cumpriram durante seu retorno para casa. O primeiro sinal mencionava que, no caminho, ele encontraria alguns homens que confirmariam que os animais perdidos de seu pai haviam sido encontrados (1Sm 10.2), garantindo que Deus estava ajudando a resolver seus problemas. O segundo sinal ocorreria no carvalho de Tabor (1Sm 10.3-4), onde encontraria viajantes a caminho de Betel e deveria aceitar os dois pães que lhe seriam oferecidos, como prova de que o Senhor supriria suas necessidades. O terceiro sinal estava relacionado ao poder espiritual, que se manifestaria ao encontrar um grupo de profetas retornando de uma adoração (1Sm 10.5-6). O Espírito Santo viria sobre Saul após ele se juntar a eles, confirmando que Deus lhe concederia o poder necessário para exercer seu serviço, demonstrando que a suficiência vem do Senhor.⁶

A unção de um rei era uma prática comum em algumas regiões do antigo Oriente Próximo. Ungir com óleo fazia parte do processo de ascensão ao trono. No contexto de Juízes, a manifestação do Espírito Santo geralmente ocorria em momentos de convocação do exército para a batalha. Para Israel, a confirmação da autoridade de um líder enviado por Deus era reconhecida com base em sua capacidade de liderança sobre o exército. As tribos eram independentes e não tinham um governo centralizado. Consequentemente, apenas a ação de Deus poderia convencê-las a ir para a batalha quando outra tribo estivesse em dificuldade. O

⁴ WIERSBE, 2018, p. 220.

⁵ BALDWIN, Joyce G. **I e II Samuel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 100-102.

⁶ WIERSBE, 2018, p. 222-223.

poder de influência de um único líder sobre todas as tribos era a confirmação de que Deus estava operando por meio dele.⁷

Após algum tempo, Samuel convocou o povo para uma assembleia em Mispa, com o objetivo de apresentar o rei à nação. Até aquele momento, apenas Deus e Samuel sabiam da unção de Saul. Para que o povo compreendesse que a escolha estava sendo feita de acordo com a vontade do Senhor, foi realizado um sorteio entre as tribos. Como resultado, a tribo escolhida foi a de Benjamim, e, dentre seus clãs, o sorteio indicou a família de Saul. Samuel demonstrou sabedoria ao conduzir a cerimônia, associando o processo de instituição da monarquia à aliança divina (1Sm 10.25). Os direitos e deveres do rei foram escritos em um rolo, com base no texto de Deuteronômio 17.14-20, lembrando que, mesmo sob a liderança de Saul, tanto o povo quanto o próprio rei continuavam submissos à vontade do Senhor e à sua palavra.⁸

1.2 Um reinado promissor

O exército amonita, liderado pelo rei Naás, representava uma ameaça para Israel e estava acampado nos arredores de Jabes-Gileade. O rei dos amonitas fez uma proposta que pouparia os moradores, mas os colocaria em uma situação de humilhação e desvantagem militar. Na tentativa de ganhar tempo, os habitantes pediram um prazo de sete dias ao rei Naás e solicitaram ajuda às tribos vizinhas. Ao receber a notícia, Saul convocou os homens de Israel para a batalha. Deus se manifestou, e o temor tomou conta do coração do povo. Saul conseguiu reunir um grande exército e enviou uma mensagem informando que o reforço estava a caminho.⁹

Os moradores de Jabes-Gileade estavam desesperados. Sem perceber, os amonitas criaram a oportunidade ideal para que Saul demonstrasse sua capacidade de defender o povo diante das ações inimigas. Deus concedeu a vitória a Israel, e a derrota dos amonitas confirmou, perante todos, a posição de Saul como líder. Isso resultou em um apoio unânime entre as tribos, que passaram a reconhecer seu reinado como instituído pelo Senhor.¹⁰

A monarquia estabelecida trouxe vantagens e valores positivos. Por meio de sua liderança e do exercício de seu cargo, o rei poderia promover a unidade entre as tribos, formando um exército estável e pronto para agir. A monarquia não era tirânica, e a autoridade de Saul não anulava o poder dos líderes locais, como anciãos e governadores. No aspecto religioso, a monarquia contou com a permissão do Senhor e teve sua manifestação confirmada por meio do sorteio entre os clãs. Essa monarquia estabelecia direitos considerados preciosos para Deus, e o ungido era o consagrado do Senhor. O modelo de monarquia hebraica, estabelecido por Deus, conferia ao rei um caráter sagrado, promovendo um relacionamento especial com o Senhor.¹¹

⁷ WALTON, 2018, p. 383-384.

⁸ WIERSBE, 2018, p. 224.

⁹ WIERSBE, 2018, p. 225.

¹⁰ BALDWIN, 1996, p. 108-110.

¹¹ GROCKETTI, Giuseppe. **1-2 Samuel; 1-2 Reis**: Coleção pequeno comentário bíblico - AT. São Paulo: Paulus, 1994, p. 40-42.

2. OS PRIMEIROS SINAIS DE DESOBEDIÊNCIA (1 SM 13-15)

Após organizar seu exército e deixar parte das tropas sob o comando de seu filho Jônatas, Saul viu o jovem destacar-se pela coragem ao vencer uma guarnição filisteia. No entanto, o rei atribuiu o mérito da vitória a si mesmo, revelando um primeiro sinal de orgulho. Quando os filisteus se mobilizaram em resposta ao ataque, o temor diante do inimigo e a demora na chegada do profeta Samuel levaram Saul a uma crise de confiança e obediência. Suas ações passaram a demonstrar um caráter de decadência, marcado por uma autonomia crescente em relação à vontade divina, na qual atos independentes substituíam a fé e a submissão a Deus. Consequentemente, Saul foi repreendido pelo profeta Samuel e teve seu reino rejeitado pelo Senhor. A seguir será exposto um pouco dos sinais de desobediência do rei Saul.

2.1 Uma ação precipitada

Saul havia separado alguns homens para seu exército e enviado parte dos soldados para ficarem sob o comando de seu filho Jônatas. O acampamento de Saul estava em Micmás, enquanto o de Jônatas ficava em Gibeá, a aproximadamente 25 km de distância. Os filisteus mantinham guarnições espalhadas pela região como forma de monitoramento, emitindo alertas caso identificassem alguma ação suspeita. Jônatas atacou uma guarnição dos filisteus em Geba, e o exército israelita venceu a batalha. Rapidamente, a notícia se espalhou entre a nação inimiga. Jônatas demonstrou ser um soldado valente, mas Saul atribuiu o mérito a si mesmo, evidenciando sinais de orgulho diante da vitória (1Sm 13.1-4).

Em resposta ao ataque, o exército dos filisteus se reuniu nas proximidades de Micmás. O rei de Israel tocou a trombeta, convocando o exército para um encontro em Gilgal. Saul contava com um exército bem inferior, e, diante da pressão, seus homens se deixaram dominar pelo medo. No entanto, Saul estava ciente de que deveria aguardar sete dias pela chegada do profeta Samuel em Gilgal.¹²

Os filisteus possuíam um número muito maior de guerreiros e equipamentos, o que intimidou muitos dos soldados de Saul, levando-os a fugir. Alguns se esconderam em cavernas, enquanto outros atravessaram o rio. Diante dessa situação, Saul se encontrava em um momento crítico, pois a incerteza e o pânico estavam afetando a moral de seu exército. Como rei, precisava tomar alguma atitude antes que o número de desertores aumentasse.¹³

A demora na chegada de Samuel serviu como um teste de obediência para Saul. O profeta era um mediador entre Deus e o rei, e desobedecer à sua orientação representava desrespeito à palavra de Deus. A vitória anterior sobre os amonitas havia confirmado que o Espírito de Deus estava com Saul. Entretanto, diante da pressão dos filisteus, tanto os soldados quanto o rei demonstraram temor perante o exército inimigo. Saul não considerou o poder de Deus, ignorando que o Senhor poderia ajudá-lo novamente. Sua falta de confiança

¹² WIERSBE, 2018, p. 229-230.

¹³ BALDWIN, 1996, p. 117.

representou um grande perigo, pois gerou uma segurança baseada em sua própria vontade, afastando-o da orientação divina.¹⁴

Antes das batalhas, os sacerdotes ofereciam holocaustos ao Senhor, um sacrifício que enfatizava a dependência de Israel em Deus (1Sm 7.9-10). Após aguardar o período de sete dias para a chegada de Samuel, o profeta ainda não havia aparecido. Saul, já demonstrando sinais de impaciência e ansiedade, decidiu, em um ato de desobediência, realizar o holocausto por conta própria. Ao chegar, Samuel repreendeu a falta de obediência de Saul e anunciou as consequências de sua ação. Como punição, Saul perderia o direito à sucessão, e seu reino não seria estabelecido por sua descendência. O profeta destacou a importância de um reinado em que o Senhor fosse reconhecido como o verdadeiro rei e enfatizou que a confiança e a obediência a Deus deveriam ser completas. Um reino movido pelo desejo de independência não era aprovado pelo Senhor, e a ação precipitada de Saul contribuiu para sua desqualificação como líder. Após confrontá-lo, Samuel partiu, e sua saída simbolizou a ruptura entre ele e Saul. O rei, agora dependente apenas de sua própria competência, ficou sem orientação divina para enfrentar os filisteus.¹⁵

O caráter de Saul encontrava-se em decadência, permitindo que seus próprios desejos o dominassem. Após a chegada de Samuel, Saul o recebeu cordialmente, aguardando sua bênção, mas ignorando a falha que havia cometido. Como líder, não assumiu a responsabilidade por seus atos, tentando justificar sua ação com base no atraso de Samuel e na pressão exercida pelo exército, alegando que fora forçado a realizar o holocausto. Saul não demonstrou humildade nem reconheceu seu erro. Suas atitudes independentes evidenciavam que ele não estava nos caminhos de Deus; em vez de viver pela fé, vivia pelas aparências. Quando pressionado, sua mente e seu coração não se voltaram ao Senhor, mas sim à sua própria vontade. A atitude insensata de um rei ao realizar um sacrifício no momento errado não compensaria um sacrifício legítimo realizado por um sacerdote na hora certa. Sua falta de obediência e fé o conduziram ao pecado, que lhe custou a dinastia.¹⁶

2.2 A desaprovação

No passado, logo após a travessia do Mar Vermelho, os amalequitas impediram o povo de Israel de chegar ao Monte Sinai (Êx 17.8-16). Em razão dessa oposição à vontade de Deus, foram condenados à destruição (1Sm 15.2). O profeta Samuel veio ao encontro de Saul para transmitir as instruções do Senhor, ordenando que os amalequitas fossem completamente exterminados (1Sm 15.3). A batalha era uma ordem direta de Deus, e Saul deveria executar o juízo em nome do Senhor, com a vitória garantida. Nesta batalha específica, o povo não poderia tomar posse de nenhum bem ou qualquer outra coisa pertencente ao inimigo, sejam bens materiais ou pessoas, pois tudo deveria ser consagrado ao Senhor. Algumas conquistas e vitórias em Canaã ocorreram de maneira semelhante. Um exemplo foi a conquista de Jericó,

¹⁴ HOFF, Paul. **Os livros históricos: Deus e seu povo no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 1996, p. 121.

¹⁵ BALDWIN, 1996, p. 117-118.

¹⁶ WIERSBE, 2018, p. 230-231.

onde o povo recebeu instruções de que, com exceção de Raabe, o restante da cidade, seus bens e habitantes deveriam ser entregues ao Senhor para a destruição (Js 6.17).¹⁷

Saul avançou com seu exército, mas, antes de realizar o ataque, avisou os queneus para que se afastassem da região dos amalequitas e não fossem mortos (1Sm 15.6). O exército de Israel atacou e destruiu tudo o que, aos olhos dos soldados, parecia deplorável e sem valor. Entretanto, Saul poupou a vida do rei Agague e permitiu que os soldados tomassem posse dos melhores animais do rebanho, contrariando a ordem do Senhor. Antes mesmo de Saul retornar da batalha, Samuel já estava ciente de sua desobediência (1Sm 15.7-9).¹⁸

O rei Saul não obedeceu às ordens recebidas, demonstrando que suas ações foram baseadas em sua própria interpretação. O fato de poupar a vida do rei amalequita e permitir que os melhores animais fossem preservados fez com que Deus se manifestasse a Samuel, desaprovando a atitude de Saul. O ungido havia sido rejeitado por Deus, e a liderança da nação estava comprometida. Samuel, que havia participado do processo de implantação da monarquia e ungido Saul, entristeceu-se profundamente e clamou ao Senhor durante toda a noite (1Sm 15.10-11). Quando encontrou Saul, Samuel o questionou sobre os barulhos dos animais. Como justificativa, Saul afirmou que o povo havia separado os melhores animais para oferecê-los em sacrifício ao “seu Deus”, mas que o restante havia sido destruído (1Sm 15.15). O fato de se referir ao Senhor sem usar a expressão “nosso Deus” — mas sim “seu Deus” — já levantava suspeitas sobre seu caráter e sua conduta. O profeta então proferiu uma mensagem profética, destacando que a obediência e a submissão a Deus eram mais importantes do que a prática do holocausto. Ao se opor aos mandamentos e à vontade do Senhor, Saul assumiu para si uma posição de autoridade que pertencia exclusivamente a Deus. Esse pecado foi classificado como pior do que a adivinhação e a feitiçaria, sendo equivalente à idolatria de outros deuses. Samuel declarou que, visto que Saul havia rejeitado a palavra do Senhor, Deus também o rejeitava como rei (1Sm 15.23).¹⁹

3. A QUEDA ESPIRITUAL (1 SM 16-31)

O reinado de Saul foi marcado por uma fase trágica que resultou em um processo de declínio espiritual e moral. Após a retirada do Espírito do Senhor, o rei sofreu crises mentais e comportamentais em decorrência da presença de um espírito maligno que o perturbava; embora a música proporcionasse alívio temporário e amenizasse as crises (1Sm 16.14-23), a ruptura com o profeta Samuel e a falta de apoio profético intensificaram sua decadência moral e política. Em razão de sua desobediência e de uma série de atos insensatos, Saul experimentou um distanciamento do Senhor e, desesperado e sem resposta divina, recorreu a práticas proibidas, selando seu destino com a derrota militar e o suicídio. Embora seu reinado tenha sido inicialmente promissor, o orgulho e a desobediência contribuíram para sua queda; o completo afastamento de Deus foi consequência de um rei que, pela falta de

¹⁷ BALDWIN, 1996, p. 126-127.

¹⁸ WIERSBE, 2018, p. 238-239.

¹⁹ BALDWIN, 1996, p. 128-130.

humildade e de fé, perdeu a dinastia na sucessão ao trono e a aprovação divina (1Sm 31; 2Sm 21.12-14). Estes serão os destaques abaixo.

3.1 O declínio

Saul começou a viver uma fase trágica, e a chegada do espírito maligno trouxe graves consequências (1Sm 16.14). Quando Deus retirou seu Espírito de Saul, permitiu que um espírito maligno o perturbasse. Os sinais de desordem mental começaram após sua ruptura com Samuel, e as crises e transtornos passaram a ser recorrentes. Um dos métodos utilizados na época para tratar esse tipo de problema era a música (1Sm 16.16). O Senhor tem domínio sobre todas as coisas; assim como envia o bem, também pode permitir o mal. No entanto, isso não compromete sua bondade, pois ele é soberano e aplica sua disciplina aos que lhe pertencem. O sofrimento é algo frustrante, mas, conforme as Escrituras (Jó 2.10; 1Pe 4.12-19), as adversidades também eram enviadas pelo Senhor, e, quando compreendidas, até por meio delas Deus se tornava glorificado.²⁰

O início do reinado de Saul foi positivo, contudo, com o passar do tempo, ele começou a agir de maneira insensata, demonstrando falta de discernimento em suas ações. Seus problemas surgiram logo após Samuel se posicionar contra ele, e a falta de apoio do profeta foi consequência de sua desobediência. Sua decadência foi marcada por uma série de comportamentos inadequados, chegando ao ponto de ser dominado por um espírito maligno que se apossava dele (1Sm 19.8-11). Posteriormente, Saul passou a se sentir ameaçado pela popularidade e reputação de Davi, que já era reconhecido como um herói entre a nação. Esse sentimento desencadeou uma perseguição desenfreada por parte do rei, a ponto de ordenar a execução de sacerdotes do Senhor que haviam ajudado Davi em um momento de fuga (1Sm 21.22). As forças de Saul estavam concentradas em capturar Davi, desviando seu foco do combate ao principal inimigo, os filisteus, que já percebiam a vulnerabilidade e divisão no reinado de Saul.²¹

Por um tempo, Saul manteve um bom relacionamento com Davi, mas, gradativamente, passou a alimentar sentimentos de inveja e ódio, comprometendo a amizade entre os dois. Deus cuidou de Davi e o protegeu das perseguições de Saul, que o via como uma ameaça. Enquanto Saul agia na intenção de preservar seu trono, o Senhor preparava Davi para ser seu sucessor e governar Israel. A inveja e a ira corrompiam Saul de forma progressiva, a ponto de suas ações serem consideradas terríveis. O Senhor havia retirado seu Espírito de Saul e protegia Davi, mas o rei não desistia de sua perseguição. Suas atitudes deixavam claro seu desejo de matar Davi e, na tentativa de impressionar seus oficiais e manter sua posição, ele persistia na perseguição.²²

O reinado de Saul estava comprometido. Os filisteus perceberam que o poder militar de Israel havia enfraquecido e, então, reuniram suas tropas para planejar um ataque em maior

²⁰ BALDWIN, 1996, p. 137-138.

²¹ GUSSO, Antônio Renato. **Panorama Histórico de Israel para estudantes da Bíblia**. Curitiba: A. D Santos Editora, 2003, p. 58-59.

²² WIERSBE, 2018, p. 250-251.

escala a fim de derrotá-lo. Eles avançaram sobre as planícies de Esdrelom (Jezreel) e acamparam em Súnem (1Sm 28.4-5). Saul tentou consultar ao Senhor de diferentes formas, mas não obteve resposta. Em nenhum momento demonstrou arrependimento ou intenção de reconciliação com Deus. Desesperado e sem uma resposta, decidiu buscar auxílio na feitiçaria (1Sm 28.6-8). Mesmo tendo procurado exterminar aqueles que praticavam necromancia durante seu reinado, Saul recorreu a uma médium em busca de respostas. A mensagem foi clara: no dia seguinte, Israel seria entregue aos filisteus (1Sm 28.9-19).²³

Neste contexto, o profeta Samuel já havia falecido. Saul buscava apoio em alguém que pudesse lhe dar orientação e segurança (1Sm 28.3-7). A lei proibia e alertava sobre as consequências do envolvimento com médiuns (Lv 19.31; 20.6; Dt 18.10-11). Ao recorrer à consulta de uma médium, o rei demonstrava estar distante de seu propósito e do compromisso inicial firmado com Deus. Dominado pelo medo, não conseguiu respostas por meio de sonhos nem de profetas e, ao consultar os espíritos, esperava que Samuel, de alguma forma, aparecesse e revertesse sua situação. A narrativa indica que a médium se surpreendeu ao invocar o espírito, pois seu grito revelou espanto, sugerindo que ela não tinha controle sobre o que acontecia. Ela descreveu estar vendo “deuses” subindo da terra. A palavra no plural faz referência a uma pessoa de autoridade, como os “juízes”. Em seguida, mencionou algumas características do espírito, incluindo a presença de uma capa. A resposta recebida deixou o rei em estado de choque e praticamente sem forças. A situação deplorável de Saul o levou a buscar no mal uma palavra para tentar reverter sua condição diante de Deus.²⁴

O espírito de Samuel não se manifestou por intermédio da médium, mas sim pela vontade de Deus. A reação da mulher demonstrou que não se tratava de um truque, mas que algo diferente do que já havia presenciado estava acontecendo. O profeta falou diretamente a Saul (1Sm 28.15) e, em sua mensagem, citou sete vezes o termo “Senhor”, enfatizando que Deus havia se afastado de Saul como consequência de sua desobediência e por não viver de acordo com a vontade divina. A falha na batalha contra os amalequitas trouxe sérias consequências ao rei Saul. Seu reinado estava terminando, e a sucessão do trono por Davi foi revelada.²⁵

3.2 O fim trágico

Saul chegou a ser reconhecido como um herói em sua nação, obtendo conquistas e menções honrosas (1Sm 14.47-48). No entanto, ao longo de sua trajetória, a falta de fé, o orgulho e a indisciplina contribuíram para a decadência de seu reinado. Na batalha contra os filisteus, o exército israelita estava em total desvantagem militar. O fim de Saul e seu julgamento estavam próximos, tornando impossível a vitória na batalha.²⁶

²³ HOFF, 1996, p. 137.

²⁴ BALDWIN, 1996, p. 179-182.

²⁵ WIERSBE, 2018, p. 284.

²⁶ WIERSBE, 2018, p. 285.

O rei foi atingido por flechas e, em seguida, cometeu suicídio, uma atitude condenada em Israel. Sua trajetória foi marcada pela falta de espiritualidade e desobediência. Ele ignorou os conselhos de Samuel e alimentou uma inveja destrutiva contra Davi.²⁷

Saul havia recebido de Deus a responsabilidade de proteger seu povo das nações inimigas, tendo os filisteus como seus maiores adversários (1Sm 9.16). Entretanto, sua morte e a derrota de Israel para os filisteus confirmaram seu fracasso. Os filhos do rei foram os primeiros a morrer, enquanto Saul ficou gravemente ferido. Os filisteus eram extremamente cruéis. Para evitar ser torturado e humilhado pelos inimigos, Saul preferiu tirar a própria vida a ser capturado. Os filisteus atribuíram sua vitória aos deuses pagãos, decapitaram Saul, penduraram seu corpo na cidade de Bete-Seã e entregaram suas armas ao templo de Astarote (1Sm 31.9-10). Alguns homens de Jabes-Gileade, demonstrando lealdade, resgataram o corpo do rei. Ao retornar para a cidade, realizaram sua cremação — possivelmente devido ao estado avançado de decomposição do corpo, como medida para evitar contaminação (1Sm 31.11-12). Em seguida, enterraram seus ossos sob uma tamargueira, um local considerado sagrado. Mais tarde, os restos mortais de Saul foram levados para a sepultura de sua família (2Sm 21.12-24). Os inimigos não conseguiram capturar Saul com vida. Assim, mesmo vencendo a batalha, não puderam ridicularizá-lo ou torturá-lo (1Sm 31.4). Seu fim foi trágico; devido à sua conduta, o Espírito do Senhor foi retirado, e ele gradativamente se afastou de Deus, o que contribuiu para seu fracasso como rei.²⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instauração da monarquia em Israel, com a escolha de Saul, originou-se do desejo do povo e de seus líderes de se assemelharem às nações vizinhas e de solucionar problemas que, na avaliação de Samuel, eram de natureza espiritual e não meramente política. O povo buscava uma liderança visível e unificadora, capaz de prover segurança militar, mesmo tendo Deus como seu rei e provedor. Embora a eleição de um rei fizesse parte dos planos divinos, conforme a promessa feita aos patriarcas, a forma e o momento da reivindicação foram precipitados. Deus permitiu a escolha, mas alertou, por meio de Samuel, sobre as implicações e o preço da monarquia, ressaltando que o rei e o povo permaneceriam sob sua soberania e lei. Saul foi escolhido e ungido por Deus, recebendo o Espírito Santo, que o capacitou para liderar e alcançar vitórias iniciais importantes, como a conquista sobre os amonitas. Esses eventos confirmaram sua liderança perante o povo e demonstraram que a suficiência para o serviço vinha do Senhor.

O reinado de Saul, apesar de um começo promissor, foi marcado por uma série de atos de desobediência. Ações precipitadas, como a oferta de holocaustos (1Sm 13) e, principalmente, a decisão de poupar o rei Agague e o melhor do rebanho dos amalequitas (1Sm 15), contrariando ordens divinas diretas, revelaram falhas cruciais em seu caráter: falta de fé, impaciência, orgulho e uma tendência a seguir sua própria interpretação em vez da

²⁷ HOFF, 1996, p. 138.

²⁸ BALDWIN, 1996, p. 193-194.

vontade expressa de Deus. A desobediência de Saul resultou em sua rejeição por Deus como rei, o que acarretou a perda da sucessão dinástica, a retirada do Espírito do Senhor e a permissão para que um espírito maligno o atormentasse. Sua liderança ficou comprometida, e ele passou a depender de sua própria competência, afastando-se das orientações divinas.

A partir da rejeição divina, Saul entrou em um processo de decadência espiritual e moral. Sentimentos como inveja, medo e ódio por Davi dominaram suas ações, levando-o a uma perseguição implacável e à negligência dos verdadeiros inimigos de Israel. Seu desespero o conduziu a práticas proibidas, como a necromancia, evidenciando seu completo afastamento de Deus. O reinado de Saul culminou em um fim trágico, com a derrota para os filisteus e seu suicídio. Sua trajetória ilustra como a falta de fé, a desobediência contínua e o orgulho podem levar à ruína, mesmo um líder inicialmente escolhido e capacitado por Deus.

A narrativa de Saul destaca a importância fundamental da obediência, da submissão e da confiança em Deus para a liderança e para a vida do povo da aliança. Demonstra que a aprovação e a capacitação divinas estão intrinsecamente ligadas à fidelidade do líder à palavra e à vontade do Senhor, e que o afastamento desses princípios acarreta consequências severas e, em última instância, o fracasso.

REFERÊNCIAS

BALDWIN, Joyce G. **I e II Samuel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1996. 336 p.

GROCKETTI, Giuseppe. **1-2 Samuel; 1-2 Reis**: Coleção pequeno comentário bíblico - AT. São Paulo: Paulus, 1994. 170 p.

GUSSO, Antônio Renato. **Panorama histórico de Israel para estudantes da Bíblia**. Curitiba: ADSantos. 2003. 254 p.

HOFF, Paul. **Os livros históricos**: Deus e seu povo no Antigo Testamento. São Paulo: Vida, 1996. 328 p.

WATSON, John H. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018. 1088 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento: volume 2 - Histórico. Santo André: Geográfica, 2006. 736 p.